

**Quando a luz apaga e a voz acende:
o rádio como mediador simbólico na crise da hiperconexão em *Vale Tudo* (2025)**

*When the lights go out and the voice turns on:
radio as a symbolic mediator in the hyperconnection crisis in *Vale Tudo* (2025)*

Douglas José do Valle dos SANTOS¹

Resumo

Este artigo analisa a cena do apagão na telenovela brasileira *Vale Tudo* (2025) como um laboratório dramaturgico para discutir a vulnerabilidade estrutural da sociedade hiperconectada. A partir da Análise de Discurso Crítica, o estudo observa como a interrupção súbita dos sistemas digitais, evidenciada pelo colapso de serviços essenciais e pela falha da comunicação em massa, constrói discursivamente uma situação de crise e reatualiza o papel do rádio de pilha como mediador simbólico. Ancorado nos referenciais teóricos de Benjamin, Menezes e Ferraretto, o artigo evidencia que o retorno ao rádio não opera como gesto nostálgico, mas como prática de sobrevivência simbólica. O apagão posiciona o rádio como instância legítima de orientação e continuidade, confirmando-o como estrutura cultural resiliente, capaz de reorganizar sentidos e pertencimentos sociais em contextos de ruptura tecnológica, em diálogo com experiências contemporâneas de apagões globais.

Palavras-chave: Rádio. Crise Comunicacional. Mediação Simbólica. Vulnerabilidade Digital.

Abstract

This article analyzes the blackout scene in the Brazilian telenovela *Vale Tudo* (2025) as a dramaturgical laboratory to discuss the structural vulnerability of hyperconnected society. Using Critical Discourse Analysis, the study observes how the sudden interruption of digital systems, evidenced by the collapse of essential services and the failure of mass communication, discursively constructs a crisis situation and reactualizes the role of the portable radio as a symbolic mediator. Anchored in the theoretical frameworks of Benjamin, Menezes, and Ferraretto, the article shows that the return to radio does not operate as a nostalgic gesture, but as a practice of symbolic survival. The blackout positions the radio as a legitimate instance of orientation and continuity, confirming it as a resilient cultural structure capable of reorganizing meanings and social belonging in contexts of technological rupture, in dialogue with contemporary experiences of global blackouts.

Keywords: Radio. Communication Crisis. Symbolic Mediation. Digital Vulnerability.

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba/SP.
E-mail: douglasvalle79@gmail.com

Introdução

As falhas tecnológicas que atravessam a vida contemporânea expõem, com intensidade crescente, a vulnerabilidade de uma sociedade dependente da hiperconexão digital. Quando a energia cai, os sistemas travam e os fluxos de dados silenciam, revela-se uma fragilidade estrutural que ultrapassa a dimensão técnica e atinge a própria percepção de mundo. Em um cotidiano regulado por telas, aplicativos e sincronizações invisíveis, o apagão não se configura apenas como interrupção elétrica, mas como colapso simbólico. É justamente nesse ponto de ruptura que o rádio retorna à cena, não como resquício de um passado analógico, mas como dispositivo resiliente, capaz de permanecer ativo quando os demais meios falham, oferecendo orientação, continuidade e sentido.

A telenovela *Vale Tudo* (2025), episódio 115, exibido em 11 de agosto de 2025 pela Rede Globo de Televisão, captura esse movimento por meio da dramaturgia. Em meio a um apagão que paralisa o Rio de Janeiro e derruba todos os sistemas digitais, o personagem Bartolomeu, interpretado por Luís Melo, recorre ao rádio de pilha como única fonte de informação e companhia. A cena dramatiza um gesto profundamente contemporâneo: diante da instabilidade tecnológica, a ficção televisiva reinscreve o rádio como instância legítima de mediação social. Assim, a narrativa converte uma situação de crise comunicacional em lente para observar as dinâmicas simbólicas e afetivas que ainda sustentam o meio radiofônico.

O interesse deste estudo nasce justamente da força desse gesto narrativo. Ao colocar o rádio no centro de uma situação de colapso tecnológico, a obra reinscreve o meio sonoro em debates sobre confiança midiática, crise informacional e reconstrução de vínculos sociais. A cena torna-se, portanto, um objeto privilegiado para refletir sobre como a ficção televisiva reinterpreta, no século XXI, a função cultural do rádio. A partir dessa inquietação, emerge a pergunta que orienta este artigo: como a cena do apagão em *Vale Tudo* (2025) reatualiza o papel do rádio como mediador simbólico em um contexto de crise comunicacional?

A transcrição das falas centrais da sequência constitui o corpus analítico da pesquisa, possibilitando observar como a narrativa associa o apagão à instabilidade digital e posiciona o rádio como eixo de continuidade simbólica. Em pouco mais de três minutos de cena, acompanham-se personagens de diferentes núcleos experimentando a

mesma fratura comunicacional: celulares inoperantes pela ausência de sinal, desorientação coletiva e interrupção das rotinas, até culminar na fala da personagem Celina, em diálogo com o mordomo Eugênio, ao acionar uma última âncora comunicativa: “Ainda bem que o velho e bom radinho funciona.” (Vale Tudo, 2025).

Nesse instante, a novela reorganiza o cotidiano pela escuta. Privados de previsões, atualizações e conexões digitais, os personagens são conduzidos de volta ao rádio, que abandona o lugar de objeto residual e reassume uma função histórica de mediação. Essa dimensão é discutida por Benjamin (1987), ao tratar da experiência e da transmissão narrativa; por Menezes (2007), ao compreender a escuta como campo simbólico e relacional; e por Ferraretto (2001), ao historicizar a permanência do rádio na cultura brasileira.

Para sustentar essa leitura, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa orientada pela Análise de Discurso Crítica, compreendida como ferramenta capaz de examinar como a narrativa constrói sentidos sobre crise, tecnologia e mediação sonora. A partir da observação das práticas discursivas, das posições de sujeito e dos efeitos de sentido mobilizados na cena, busca-se compreender de que modo o rádio é discursivamente reposicionado como instância de orientação e confiança em um contexto de colapso informacional (Resende; Ramalho, 2006).

Com base nesses elementos, o estudo organiza-se em três movimentos: (a) apresentação do aporte teórico que fundamenta a leitura do rádio como mediador simbólico; (b) explicitação da metodologia e do corpus; e (c) discussão analítica da cena, observando como a ficção televisiva atualiza a relevância cultural do rádio em uma sociedade hiperconectada e, ao mesmo tempo, vulnerável às falhas de sua própria infraestrutura.

Quando o som resta: o rádio no limite da crise comunicacional

O rádio, desde sua consolidação como meio de comunicação de massa no século XX, mantém uma capacidade singular de atravessar tempos, crises e tecnologias. Mesmo diante da ascensão de dispositivos digitais e modelos de hiperconexão, o meio persiste como instância simbólica, cultural e afetiva. Para compreender como a cena de Vale Tudo (2025) reatualiza esse papel, é necessário revisitar três matrizes teóricas fundamentais: a experiência narrativa de Walter Benjamin, a noção de escuta como

campo simbólico, desenvolvida por Menezes (2007) e a perspectiva histórica e cultural defendida por Ferraretto (2001).

Benjamin (1987) situa a experiência (Erfahrung) como o que resta quando o mundo parece ruir. Em seu ensaio clássico sobre o narrador, o filósofo identifica na transmissão oral uma força de resistência, capaz de produzir sentido em meio à incerteza. “Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele” (Benjamin, 1987, p. 197).

Sua visão da escuta como gesto compartilhado, uma abertura sensível diante da palavra do outro, ajuda a compreender por que o rádio ressurgiu com potência em situações de crise. Na cena analisada, a queda das tecnologias digitais cria justamente esse ambiente de suspensão e vulnerabilidade, no qual a escuta radiofônica se torna novamente prática de orientação, comunhão e continuidade. O rádio aparece, assim, como o dispositivo que condensa aquilo que Benjamin nomeia como “vestígios de experiência”: aquilo que permanece quando tudo o mais falha.

Essa dimensão simbólica encontra ressonância em Menezes (2007), que descreve o rádio como campo de significação construído no encontro entre voz, memória e cotidiano. Para o autor, a escuta é mais que recepção técnica; é processo cultural que organiza percepções, pertencimentos e vínculos comunitários.

Assim entendemos que os processos comunicativos são construções de vínculos que agregam ou segregam indivíduos. Agregar no sentido da interação entre indivíduos sob o termo ‘nós’ e segregar no sentido de que a constituição do ‘nós’ implica na observação de outros grupos denominados outros, os que ‘estão de fora’ (Menezes, 2007, p. 23–24).

A narrativa de Vale Tudo (2025) dialoga diretamente com essa perspectiva ao mostrar personagens desorientados buscando no rádio não apenas informações, mas um ponto de estabilidade. O velho aparelho de Bartolomeu não é acionado como artefato nostálgico, e sim como mediador de mundos: ele reconecta os personagens a uma rede de sentidos que não depende da infraestrutura digital, mas da permanência histórica da comunicação sonora.

Já Ferraretto (2001) oferece o lastro histórico e sociocultural que amarra essas discussões ao demonstrar que a força do rádio no Brasil não deriva apenas de sua

trajetória centenária, mas de sua capacidade contínua de inserção no cotidiano. O autor evidencia que a permanência do meio está diretamente ligada a uma prática social arraigada, construída ao longo de décadas, na qual o rádio se adapta tecnicamente sem abandonar suas funções essenciais de mediação e informação. Essa força cultural é sintetizada quando Ferraretto afirma:

Todo esse impacto do rádio como veículo de comunicação e este interesse político na sua utilização atestam somente o seu poder e a sua influência. Em termos numéricos, para se ter ideia, é o veículo de comunicação mais presente nos lares brasileiros (Ferraretto, 2001, p. 17).

A dramaturgia de *Vale Tudo* (2025) reativa exatamente esse traço permanente ao representar o rádio como último elo de comunicação em uma metrópole pós-digital, reconhecendo que sua relevância não nasce da nostalgia, mas de um hábito consolidado que ressurge como prática de sobrevivência simbólica quando o restante da infraestrutura falha. O rádio, ao transmitir a notícia da crise, oferece uma forma de saber fundada na presença sonora e na confiança, essencial em um cenário de blackout comunicacional.

Em conjunto, esses autores permitem compreender o rádio não apenas como uma tecnologia, mas como uma estrutura cultural que sustenta vínculos, produz sentido e reorganiza a experiência em momentos de ruptura. A cena do apagão dramatiza essa força: ao silenciar o mundo digital, ativa o rádio como ponto de ancoragem simbólica, confirmando seu papel como mediador capaz de atravessar as falhas tecnológicas da contemporaneidade.

Em síntese, a cena do apagão reativa camadas históricas simbólicas e cognitivas do rádio, iluminadas pelos aportes de Benjamin, Menezes e Ferraretto. O gesto dramático confirma a meio como estrutura cultural capaz de resistir às falhas da hiperconexão contemporânea, reorganizando sentidos quando o mundo digital se desmancha. Essa compreensão teórica prepara o terreno para o próximo movimento deste estudo, no qual se explicitam os procedimentos metodológicos que orientam a análise do corpus, bem como os critérios que estruturam a interpretação da cena.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, fundamentada na Análise de Discurso Crítica (ADC), conforme desenvolvida por Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho (2006). Parte-se do entendimento desenvolvido pelas autoras de que o discurso constitui uma prática social historicamente situada, por meio da qual se produzem sentidos, se organizam relações de poder simbólico e se produzem efeitos sobre a realidade social (Resende; Ramalho, 2006, p. 27).

A opção pela ADC justifica-se pela natureza do objeto analisado, uma cena ficcional televisiva que dramatiza um colapso comunicacional e reinscreve o rádio como mediador legítimo em contexto de crise. O corpus empírico da pesquisa é composto pelas falas centrais da cena do apagão, com atenção particular ao enunciado do personagem Bartolomeu, tomado como evento discursivo a partir do qual se articulam os sentidos analisados. Nesse sentido, a análise não se limita à descrição formal das falas, mas busca compreender como determinados sentidos são produzidos, naturalizados ou tensionados discursivamente, em articulação com práticas sociais mais amplas.

De acordo com Resende e Ramalho (2006), a Análise de Discurso Crítica dedica-se à investigação das relações entre linguagem, poder e ideologia, evidenciando como estruturas de dominação e hegemonia se materializam no discurso e se apresentam, muitas vezes, como consensuais ou naturais (Resende; Ramalho, 2006, p. 32). Assim, a cena analisada é compreendida como um evento discursivo que participa da construção simbólica de valores associados à tecnologia, à confiança informacional e à escuta em situações de instabilidade.

Metodologicamente, a ADC concebe o discurso como um dos momentos constitutivos das práticas sociais, em articulação com atividades materiais, relações sociais e estruturas institucionais (Resende; Ramalho, 2006, p. 36). Tal perspectiva permite interpretar o apagão dramatizado não apenas como um evento técnico, mas como um acontecimento discursivo que reorganiza práticas de orientação, informação e mediação comunicacional entre os personagens.

A análise orienta-se pela articulação entre três níveis analíticos propostos pelas autoras: o texto, a prática discursiva e a prática social (Resende; Ramalho, 2006, p. 39).

No plano textual, observam-se escolhas lexicais, metáforas e marcas avaliativas associadas à crise e à busca por orientação. No plano da prática discursiva, analisa-se a organização narrativa da cena televisiva e os sentidos produzidos pela reativação do rádio como fonte de informação. Já no plano da prática social, a cena é interpretada à luz de um contexto contemporâneo marcado pela dependência de sistemas digitais e pela vulnerabilidade das infraestruturas comunicacionais.

A Análise de Discurso Crítica orienta-se ainda pelo princípio da desnaturalização dos discursos hegemônicos, buscando tornar visíveis sentidos que se apresentam como evidentes ou incontestáveis (Resende; Ramalho, 2006, p. 44). Nesse movimento, a cena analisada tensiona a naturalização da supremacia tecnológica digital ao reinstalar o rádio como tecnologia confiável, estável e socialmente legitimada em contextos de crise.

Por fim, adota-se uma postura analítica que privilegia a interpretação crítica situada, em detrimento de procedimentos quantitativos ou categorizantes. Conforme destacam Resende e Ramalho (2006), a Análise de Discurso Crítica não se restringe à descrição formal do texto, mas busca compreender os efeitos sociais e ideológicos dos discursos em contextos específicos (Resende; Ramalho, 2006, p. 51). Tal postura justifica a opção por uma leitura interpretativa da cena, alinhada aos objetivos do estudo e ao diálogo teórico estabelecido com autores do campo da comunicação e do rádio.

Quando a luz apaga e a voz acende: análise da cena

A cena do apagão apresentada no episódio 115 da telenovela *Vale Tudo* constrói-se a partir de um ambiente de desorientação informacional, marcado pela interrupção simultânea de energia elétrica, internet e telefonia móvel. Nesse contexto, a busca por referências confiáveis de orientação emerge como elemento central da narrativa, deslocando o foco do colapso técnico para suas implicações comunicacionais.

É nesse cenário que se insere o enunciado do personagem Bartolomeu, cuja fala passa a organizar os sentidos centrais da cena:

Isso que está acontecendo aqui não é um caso isolado. Aconteceu recentemente na Península Ibérica, em Portugal e na Espanha. Lá também caiu tudo. Energia, internet, telefone. Ninguém sabia de nada. Só quem tinha rádio conseguia se informar. (Vale Tudo, 2025, 115)

O enunciado condensa, em poucas linhas, uma série de articulações discursivas relevantes. Ao relacionar o apagão local a eventos ocorridos em outros países, a fala desloca a crise do plano do imprevisto para o da recorrência estrutural, sugerindo a fragilidade sistêmica das infraestruturas digitais contemporâneas. Ao mesmo tempo, ao destacar o rádio como único meio capaz de garantir informação em meio ao colapso, o discurso reinscreve essa tecnologia como instância legítima de mediação e confiança.

Mais do que um recurso narrativo, a fala de Bartolomeu opera como eixo organizador da cena, a partir do qual se constroem sentidos sobre tecnologia, escuta e orientação social em contextos de instabilidade. Trata-se, portanto, de um evento discursivo que não apenas descreve uma situação de crise, mas produz uma leitura específica sobre ela, abrindo espaço para a análise das disputas simbólicas em jogo.

A partir desse enunciado inaugural, a análise desenvolvida a seguir busca compreender como a narrativa televisiva articula discursos sobre colapso, dependência tecnológica e permanência do rádio, considerando o entrelaçamento entre escolhas textuais, organização narrativa e práticas sociais contemporâneas.

Esse gesto narrativo de retorno à mediação sonora encontra eco direto na leitura de Menezes (2007). Para o autor, a escuta radiofônica não é mero ato de captação sonora, mas prática cultural que organiza sentidos do mundo. A frase da personagem, “ainda bem que o velho, bom, radinho, funciona”, não é casual; ela marca um deslocamento coletivo de percepção. Os personagens deixam de buscar respostas na tela e voltam-se para a voz. A cena deixa claro que a escuta, mais do que uma habilidade técnica, é um modo de recompor pertencimento. O rádio funciona ali como ponto de reancoragem simbólica: um fio que reconecta pessoas desorientadas a uma narrativa compartilhada.

A tensão dramática se intensifica conforme a rua inteira percebe a extensão do apagão. A vizinhança conversa, compara impressões, troca hipóteses sobre a causa da falha. A ausência de mediação digital obriga o diálogo face a face, reinstaurando uma sociabilidade que costuma ser silenciada pelo cotidiano conectado. Esse movimento coletivo permite observar, dentro da própria dramaturgia, a emergência de categorias que estruturam a situação de crise. A tensão dramática se intensifica conforme a rua inteira percebe a extensão do apagão. A vizinhança conversa, compara impressões, troca hipóteses sobre a causa da falha. A ausência de mediação digital obriga o diálogo face a face, reinstaurando uma sociabilidade que costuma ser silenciada pelo cotidiano

conectado. Esse movimento coletivo permite observar, no interior da própria dramaturgia, a emergência de sentidos discursivos recorrentes, marcados por incerteza, busca de orientação e reativação de vínculos pela escuta. À luz da Análise de Discurso Crítica, tais sentidos não são tratados como categorias prévias, mas como efeitos discursivos produzidos pela cena em articulação com práticas sociais mais amplas (Resende; Ramalho, 2006). De acordo com Benjamin (1987), é nesse momento que a experiência volta a circular: quando a palavra oral retoma seu espaço de orientação, transformando incerteza em relato e relato em compreensão.

O reencontro com a mediação sonora dialoga, por fim, com a leitura histórica de Ferraretto (2001), que identifica no rádio brasileiro uma capacidade permanente de adaptação, sobrevivendo a mudanças técnicas, econômicas e culturais. A novela faz esse passado retornar não como saudade, mas como prática cultural viva. A busca de Bartolomeu por notícias é um retorno a uma forma de saber e confiança consolidada pelo tempo. Quando a cidade desaba na escuridão, o rádio reaparece como tecnologia de sobrevivência simbólica, legitimando aquilo que Ferraretto descreve como permanência estrutural do meio na cultura nacional. Ele é acionado porque já está ali, incrustado na memória coletiva, disponível mesmo quando não é lembrado.

Assim, a sequência do apagão funciona como catalisador: a ausência de luz acende a escuta. A falha tecnológica produz, paradoxalmente, uma abertura de mundo. A narrativa dramatiza o instante em que o rádio deixa de ser um objeto esquecido na gaveta e volta a ser, ainda que por alguns minutos, o que sempre foi: uma ponte entre o caos e a continuidade. A cena reinscreve, portanto, o rádio como mediador simbólico contemporâneo, não apesar da crise digital, mas precisamente por causa dela. É quando o digital falha que o analógico respira, e é nesse respiro que a ficção e a teoria se encontram.

Considerações finais

A cena do apagão em *Vale Tudo* (2025) oferece um raro instante em que a ficção televisiva, sem anunciar, toca uma ferida central da vida contemporânea: a fragilidade de uma sociedade que deposita sua segurança no fluxo contínuo de dados. Bastou a queda da energia, o sumiço do sinal, a falência dos aplicativos, para que emergissem tanto o desamparo quanto a necessidade ancestral de orientação. Nesse

intervalo entre o silêncio tecnológico e a busca por sentido, o rádio se impõe como mediador simbólico, retomando um lugar que nunca perdeu, apenas foi deslocado pelas luzes digitais. A pergunta que guiou este estudo encontra na própria dramaturgia sua resposta. Ao acompanhar personagens desorientados, privados de conexão e obrigados a reconfigurar a rotina pela ausência de informação, a novela recria o gesto fundador da escuta radiofônica: voltar-se para a voz que atravessa o escuro. A fala de Celina, ao acionar “o velho, bom radinho”, não opera apenas como recurso narrativo, mas como reativação de um símbolo cultural de estabilidade, mobilizado justamente quando o mundo parece ruir.

A análise desenvolvida evidencia que esse retorno do rádio não se dá por nostalgia, mas como efeito discursivo de uma situação de crise. Conforme aponta Benjamin (1987), é na ruptura da continuidade que a experiência volta a se organizar; Menezes (2007) demonstra que a escuta radiofônica estrutura pertencimentos e sentidos; e Ferraretto (2001) reafirma a permanência do rádio como prática social enraizada e confiável. A cena articula essas camadas ao mostrar que, diante da falha tecnológica, a cultura sonora permanece como eixo de inteligibilidade.

Sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica, foi possível observar como a narrativa constrói discursivamente a crise comunicacional e posiciona o rádio como instância legítima de orientação. As falas, os silêncios e as interações entre os personagens não apenas representam a ausência de tecnologia, mas produzem sentidos sobre dependência, vulnerabilidade e recomposição do cotidiano. O rádio emerge, nesse processo, como prática discursiva capaz de reorganizar a experiência social em meio ao colapso informacional, reinscrevendo vínculos e restabelecendo formas de confiança coletiva (Resende; Ramalho, 2006).

Assim, Vale Tudo não apenas dramatiza um apagão, mas comenta, com sutileza, a crise comunicacional que marca o presente. A narrativa toca em um ponto sensível da vida digital: as redes funcionam até o momento em que deixam de funcionar. Quando elas caem, reaparece aquilo que sustentou a comunicação por décadas, o som que insiste, a palavra que orienta, a voz que cria continuidade onde antes havia silêncio.

No limite, este estudo evidencia que o rádio permanece como tecnologia resiliente e, sobretudo, como estrutura simbólica que atravessa o colapso e reorganiza a experiência. Em uma sociedade que confia demais no invisível e esquece o essencial, a ficção televisiva reacende, com apenas uma cena, a lembrança de que a escuta é o

primeiro e o último gesto da comunicação. É nesse gesto que o rádio sobrevive, no passado, no presente e, como sugere a novela, também no futuro.

Referências

RESENDE, Viviane de Melo; **RAMALHO**, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o fato e a história**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Escuta, meio e experiência: os caminhos do rádio**. São Paulo: Annablume, 2007.

PIRES, Eloiza Gurgel. **Experiência e linguagem em Walter Benjamin**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 823-828, set./dez. 2013. Disponível em: . Acesso em: 4 out. 2023.

VALE TUDO (2025). Episódio 115. Direção: Isabella Teixeira, Augusto Lana, Fábio Rodrigo, Matheus Senra e Thomaz Cividanes, sob a direção geral de Cristiano Marques e direção artística de Paulo Silvestrini. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. Disponível em: Globoplay. Acesso em: 11 ago. 2025.

BBC NEWS BRASIL. Os números que mostram magnitude dramática do apagão que afetou Espanha e Portugal. Publicado em: 29 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c93g2eqgkxxo>. Acesso em: 20 nov. 2025.